

AQUI PARA FICAR OU SÓ DE PASSAGEM? EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE SENEGALESES E GANESES NO BRASIL¹

Philipp Roman Jung
Gláucia de Oliveira Assis
Michelle Maria Stakonski Cechinel²

RESUMO

Os últimos anos testemunharam um aumento na entrada de migrantes africanos no Brasil e na América do Sul em geral. Senegaleses e ganeses representam dois dos maiores grupos desse novo movimento migratório. A literatura sugere ser o desenvolvimento de novos corredores de migração intercontinental sul-sul, por um lado, resultado do desenvolvimento econômico e geopolítico na região; por outro, as dificuldades para entrar na Europa conduzem os africanos a buscar alternativas e expandir seu horizonte migratório para outros continentes. As dimensões espaciais e temporais da migração tornam-se cada vez mais não lineares, e a distinção entre “país de trânsito” e “de destino” fica menos evidente no contexto de mudanças rápidas e transformações globais, o que torna difícil categorizar esses fluxos. Os imigrantes recentes no Brasil devem se adaptar às mudanças das condições durante a migração; eles precisam refletir constantemente sobre as circunstâncias que encontram, identificar novas oportunidades e obstáculos, e reagir a eles. Este artigo tem o intuito de compreender como os senegaleses e ganeses navegam por estruturas em mudança durante a migração *para e dentro* do Brasil. Os dados foram coletados a partir de pesquisa etnográfica com realização de observação participante e relatos orais de migrantes senegaleses e ganeses nas cidades de Caxias do Sul e Passo Fundo (RS) e Criciúma (SC), que reconstruíram suas trajetórias, a importância das redes sociais e os deslocamentos dos migrantes dentro do país, evidenciando suas estratégias migratórias no território.

PALAVRAS-CHAVE: Migrações sul-sul; Aspirações; Decisões migratórias; Senegaleses; Ganeses.

HERE TO STAY OR ONLY PASSING THROUGH? MIGRATION EXPERIENCES OF SENEGALESE AND GHANAIANS IN BRAZIL

¹ Trabalho submetido em 10/08/18 e aprovado em 6/11/18. Para citar este artigo: JUNG, P. R.; ASSIS, G. O.; CECHINEL, M. M. S. Aqui para ficar ou só de passagem? Experiências migratórias de Senegaleses e Ganeses no Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 33, n. 2, [in press], jul./dez., 2018. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: dia mês, ano.

² Autor 1: Universidade de Lisboa (ULisboa). É doutorando em Migrações – Geografia Humana pelo Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Igot) da ULisboa. E-mail: pjung@campus.ul.pt; Autor 2: Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Professora do Programa de Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental e do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Udesc. E-mail: galssis@gmail.com; Autor 3: Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc). Professora do Departamento de História da Unesc e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). E-mail: miimss@gmail.com.

ABSTRACT

Recent years have witnessed an increased influx of African migrants into Brazil and South America in general. Senegalese and Ghanaian represent two of the largest groups of this new migratory movement. The literature suggests that the development of new corridors of south-south intercontinental migration is, on the one hand, the result of economic and geopolitical developments in the region; on the other hand, the difficulties in migrating to Europe lead African migrants to seek alternatives and to expand their migration horizon to other continents. The spatial and temporal dimensions of migration become increasingly non-linear and the distinction between 'country of transit' and 'destination' becomes less evident in the context of rapid changes and global transformations, making it difficult to categorize such flows. Recent immigrants in Brazil must adapt to changing conditions during the migration; they need to constantly reflect on the circumstances they encounter, to identify new opportunities and obstacles, and to react to them. This article aims to understand how Senegalese and Ghanaian navigate through changing structures during migration to and within Brazil; it also presents empirical data on migration decisions and aspirations and how they may change over the course of migration. Data were collected from ethnographic research with participant observation and oral reports of Senegalese and Ghanaian migrants in the cities of Caxias do Sul and Passo Fundo (RS) and Criciúma (SC), which reconstructed their migratory trajectories, the importance of social networks, and the migration displacements within the country, highlighting their migratory strategies in the country.

KEYWORDS: South-south migration; Aspirations; Migration decisions; Senegalese; Ghanaian.

AQUÍ PARA QUEDARSE, ¿O SOLO DE PASO? EXPERIENCIAS MIGRATORIAS DE SENEGALESES Y GHANESES EN BRASIL

RESUMEN

Los últimos años atestiguaron un incremento en la entrada de migrantes africanos en Brasil, y en Sudamérica de manera general. Los senegaleses y ghaneses representan dos de los mayores grupos de este nuevo movimiento migratorio. La literatura relacionada sugiere que el desarrollo de nuevos corredores migratorios intercontinental sur-sur, por una parte, son resultado del desarrollo económico y geopolítico en la región; por otra, resulta de las dificultades de migrar a Europa, lo que les conduce a los africanos a buscar alternativas y expandir su horizonte migratorio a otros continentes. Las dimensiones espaciales y temporales de la migración se vuelven cada vez más no lineales. Así, la distinción entre "país de tránsito" y "país de destino" resulta menos evidente en un contexto marcado por cambios rápidos y transformaciones mundiales, lo que hace difícil categorizar tales flujos. Los nuevos inmigrantes en Brasil deben adaptarse a los cambios de las condiciones durante la migración; deben reflexionar constantemente acerca de las circunstancias en que se encuentran, identificar nuevas oportunidades y obstáculos, así como reaccionar frente a ellos. Este artículo tiene como objetivo comprender la manera en que los senegaleses y los ghaneses navegan por estructuras en constante cambio a lo largo de su trayecto migratorio *para y dentro* de Brasil. Los datos fueron recolectados a partir de una investigación etnográfica con observación participante y relatos orales de migrantes senegaleses y ghaneses en las ciudades brasileñas de Caxias do Sul, Passo Fundo y Criciúma, que

AQUÍ PARA FICAR OU SÓ DE PASSAGEM? EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS DE SENEGALESES E GHANESES NO BRASIL

Philipp Roman JUNG

Gláucia de Oliveira ASSIS

Michelle Maria Stakonski CECHINEL

reconstruíram suas trajetórias migratórias, a importância das redes sociais e os deslocamentos dos migrantes dentro do país, evidenciando suas estratégias migratórias no território.

PALAVRAS CHAVE: Migrações sur-sur; Aspirações; Decisões migratórias; Senegaleses; Ghaneses.

1 INTRODUÇÃO

Embora as migrações tenham sido sempre caracterizadas como fluxos complexos e heterogêneos, é notável a rapidez com que hoje essas correntes emergem, mudam de direção ou composição e desenvolvem novos padrões. A mudança das trajetórias de migrantes e refugiados africanos que tentam chegar à União Europeia (UE) nos últimos 20 anos é um exemplo dessa rapidez. O recrudescimento de políticas migratórias e controles de fronteira podem ser um dos principais vetores de mudança nas direções desses fluxos. A construção midiática de uma invasão de migrantes africanos (DE HAAS, 2008) resultou em políticas de imigração cada vez mais restritivas (FLAHAUX; DE HAAS, 2016) na segurança das fronteiras e numa série de acordos entre a UE e países terceiros (DÜNNWALD, 2011). Nesse contexto, as fronteiras externas da UE são realocadas, de fato, para uma distância maior entre esta e as zonas de *buffer*³ (BAUMAN, 1999; MARCELINO; FARAH, 2011). Em consequência, uma entrada regular torna-se quase impossível, e os riscos e custos de migrações irregulares aumentam.

Além dessa diversificação espacial, podem-se observar novas estratégias migratórias no tempo presente. As dimensões espaciais e temporais da migração tornam-se cada vez mais não lineares, e a distinção entre “país de trânsito” e “de destino” fica menos evidente no contexto de mudanças rápidas e transformações globais. Em decorrência disso, as decisões e aspirações previstas nos projetos migratórios não podem ser entendidas como fechadas ou definidas no início do percurso; a própria migração, portanto, não pode ser identificada como um processo linear, como se os sujeitos em mobilidade seguissem e executassem um plano elaborado no local de origem. Os migrantes adaptam-se às mudanças das condições durante o

³ Bauman (1999, p. 113) discorre sobre os desiguais índices de mobilidade, em que “o topo da nova hierarquia é extraterritorial; suas camadas inferiores são marcadas por graus variados de restrições espaciais e as da base são, para todos os efeitos práticos, ‘glebae adscripti’”.

deslocamento; eles precisam constantemente refletir sobre as circunstâncias que encontram, identificar novas oportunidades e obstáculos e reagir a eles. *Onward migration* (migração progressiva) ou *stepwise migration* (migração passo a passo) são exemplos de novas estratégias resultantes desse novo panorama global (MCGARRIGLE; ASCENSÃO, 2017; PAUL, 2015).

É nesse contexto que o Brasil surge como local de destino desses deslocamentos. A partir de meados dos anos 2000, o país emerge na rota de migrações sul-sul⁴ quando a crise econômica na Europa e a ampliação das medidas restritivas impulsionam o deslocamento dos fluxos para outros países do sul global. Esses fatores, articulados a um contexto de crescimento econômico e estabilidade política, tornaram o país um lugar imaginado nas rotas migratórias de africanos. Ademais, a efetivação de uma política de cooperação econômica entre o Brasil e uma variedade de países africanos durante os anos de governo de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, os investimentos de empresas brasileiras na África, a realização de grandes eventos globais, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016, e o distinto papel do Brasil como membro do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) resultaram numa imagem positiva do país sul-americano no cenário mundial (ZAMBERLAM et al., 2014, p. 14). Segundo Maguemati Wabgou (2014, p. 67), sociólogo togolês, um motivo para a emergência dessas novas rotas contemporâneas africanas se deve também ao “legado histórico da escravização da África às Américas, evidenciado pela presença de povoações de ascendência africana (ou afrodescendentes) na América Latina”⁵.

O cenário político e econômico no Brasil e uma política migratória menos restritiva em relação aos solicitantes de refúgio evidencia-se no crescimento do número de pedidos de refúgio no país. De acordo com informações do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), entre 2010 e 2015 foi registrado um aumento de 2.868% nas solicitações de refúgio: em 2010, por exemplo, foram recebidos 966 requerimentos; em 2015, esse número alcançou a marca de 28.670 pedidos (BRASIL, 2016b). É a partir de 2010 que se distinguem, em termos estatísticos, como os apresentados pelo Conare, a emergência e a consolidação de rotas, cada

⁴ Apesar das dificuldades e dos problemas da terminologia *migração sul-sul* (BAKEWELL et al., 2009; SANTOS; ROSSINI, 2018), a migração do Senegal para o Brasil é entendida como migração entre países do sul global, de acordo com as definições da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Banco Mundial.

⁵ No original: “el legado histórico de la esclavización desde África hacia las Américas, evidenciado por la presencia de poblaciones de ascendencia africana (o afrodescendientes) en América Latina”.

vez mais intensas, que inserem o Brasil e as regiões do sul do território como destinos de acolhimento de migrantes de diversos países africanos.

Neste artigo, analisamos dois casos recentes de migração sul-sul, intercontinental, em relação aos desenvolvimentos descritos anteriormente: a imigração de senegaleses e ganeses no Brasil. Durante os últimos 40 anos e, principalmente, desde o novo milênio, pode-se constatar uma diversificação na emigração senegalesa, que se estende hoje para “os quatro cantos do mundo” (FALL, 2016, p. 35). A presença de senegaleses no Brasil é um exemplo dessa diversificação. Ao contrário dos fluxos migratórios senegaleses no Brasil, ligados a movimentos para a Argentina, o caso dos ganeses chama particularmente atenção pela ausência, até meados de 2010, de correntes anteriores para países da América do Sul.

Este artigo tem o intuito de fazer um enquadramento teórico para a análise das trajetórias de migrantes senegaleses e ganeses ao Brasil e apresentar dados empíricos sobre o desenvolvimento desses novos corredores migratórios sul-sul, identificando como os migrantes navegam, por meio de estruturas em mudança durante a migração, *para* o Brasil e *dentro* dele. O artigo se estrutura na reconstrução, a partir de relatos orais, das trajetórias desses dois grupos de imigrantes e de seu direcionamento à região Sul do país. O argumento principal deriva da observação de como decisões, aspirações e capacidades de migrar se modificam ao longo do percurso migratório. A análise dos processos de decisão e do desenvolvimento dos projetos de migração pretende demonstrar a não linearidade desses processos migratórios. Concentra-se, portanto, nos padrões de mobilidade, antes e depois da chegada ao Brasil, e tenta conectar esses padrões à agência dos migrantes e das forças estruturais que dão forma aos movimentos. Ao discutir os padrões de movimento, as alterações, os motivos e a forma como as decisões e aspirações da migração mudam em decorrência dos fenômenos encontrados pelos sujeitos em deslocamento, o artigo aborda as dimensões espaciais e temporais do caso de ganeses e senegaleses em rota sul-sul e a questão de planejamento e improvisação em processos migratórios.

2 ASPIRAÇÕES E CAPACIDADES PARA MIGRAR

A decisão de migrar depende, de um lado, das aspirações em relação a uma migração e, de outro, das capacidades de realizá-la (CARLING; SCHEWEL, 2018). Em um mundo em

que a mobilidade internacional de uma grande parte da população do sul global é cada vez mais restrita, ter a capacidade de migrar torna-se o lado mais difícil da decisão (CARLING, 2002; JÓNSSON, 2012). Podemos questionar por que, apesar dos obstáculos enormes que migrantes e potenciais migrantes têm de enfrentar, a escolha pelo deslocamento ainda é vista não apenas como possibilidade, mas como necessidade emergencial para habitantes de alguns países do sul global. Segundo Graw e Schielke (2012, p. 8, tradução nossa), “em grande parte do mundo, tornou-se muito difícil pensar em um futuro melhor sem pensar na migração para um lugar onde se possa ganhar o dinheiro necessário para realizar esse futuro melhor”⁶.

Tal condição de necessidade se reflete também nos discursos de migrantes. Por exemplo, imigrantes senegaleses na ilha de Boa Vista, Cabo Verde, utilizaram frequentemente expressões como *chercher ma vie* [procurar minha vida] ou *chercher mon future* [procurar meu futuro] para explicar a decisão de sair do Senegal (JUNG, 2013). A escolha pela migração e a busca por outro espaço para a sobrevivência decorre desse horizonte de expectativas. Em muitos contextos, a migração virou sinônimo de mobilidade social (GRAW; SCHIELKE, 2012; PROTHMANN, 2018).

Para Graw e Schielke (2012), o mundo global se faz continuamente presente na vida local em forma de migrações de retorno, construção de espaços e laços transnacionais, circulação de mercadorias do mercado global e das mídias digitais. Em consequência, a globalização torna-se cada vez mais um elemento constitutivo dos *lifeworlds* das pessoas e de suas expectativas em relação à vida. Alimentado por aspirações resultantes de processos de globalização e pela exclusão de seus benefícios (GRAW, 2012), o desejo de deixar o país continua forte, especialmente entre os jovens adultos no Senegal⁷ (CARLING et al., 2013; PROTHMANN, 2018). As motivações não podem se resumir a fatores econômicos de *push-pull*, mas devem ser analisadas dentro de um contexto social, cultural, econômico e histórico próprio – e isso inclui a análise de elementos do imaginário e do simbólico (MBODJI, 2008; SALAZAR, 2011). A análise desses aspectos evidencia como se constrói socialmente o desejo de migrar e como as informações que circulam no mundo globalizado mobilizam homens e mulheres a buscar nos deslocamentos uma alternativa de vida, uma forma de se

⁶ No original: “in much of the world, it has become very difficult to think about a better future without thinking about migration to a place where one can make the money needed to realize that better future”.

⁷ Apesar de uma cultura de migração forte, o desejo de emigrar não é universal no Senegal. Cf. Schewel (2015) sobre a aspiração de ficar e a imobilidade voluntária no Senegal.

aventurar, conhecer outros lugares e experiências (ASSIS, 2011; BREDELOUP, 2014). As aspirações migratórias que se desenvolvem nesses contextos podem ser concebidas como: a) a relação de um sujeito com as possibilidades de migração; e b) a relação de um sujeito com as transformações potenciais no contexto da migração (CARLING; COLLINS, 2018, p. 7). Os autores destacam que esses dois tipos de aspiração estão muitas vezes inseparavelmente entrelaçados. Segundo Carling e Schewel (2018), três fatores devem ser considerados para a formação de aspirações migratórias: as normas e expectativas sociais referentes à migração ou permanência; as oportunidades para migrar; e, por fim, os contextos estruturais que facilitam ou restringem as diferentes trajetórias migratórias. Além de comportamentos socialmente sancionados, as aspirações migratórias também refletem mecanismos sociais de difusão (CARLING; COLLINS, 2018). Esses mecanismos de difusão são bem documentados na literatura sobre sistemas e redes migratórias (BAKEWELL et al., 2016; MASSEY et al., 1998) e privação relativa (CZAIKA; DE HAAS, 2012; STARK; TAYLOR, 1989).

Num contexto europeu e norte-americano de políticas migratórias restritivas, os migrantes buscam outras estratégias para realizar seu projeto. Dentre essas estratégias, é possível citar a utilização de *coyotes* para cruzar fronteiras, inserindo-se em rotas de tráfico de pessoas e migrações não documentadas (ASSIS, 2008; MBAYE, 2013; MENGISTE, 2018), em *stepwise* e *onward migration* (MCGARRIGLE; ASCENSÃO, 2017; PAUL, 2015; WISSINK, DÜVELL; VAN EERDEWIJK, 2013) e em rotas e destinos alternativos (FALL, 2016; JUNG, 2015), e aquelas compreendidas no contexto de uma imobilidade persistente (DE BOECK, 2012; JÓNSSON, 2012). Uma característica importante dessas estratégias é a necessidade de flexibilidade cada vez maior nas trajetórias e formas de mobilidade. Tal flexibilidade é muitas vezes um desdobramento das restrições que obriga os migrantes a procurar rotas alternativas e é facilitada pelos desenvolvimentos recentes da tecnologia de comunicação, do transporte e das formas de transferências financeiras (BAKEWELL et al., 2016).

As capacidades e os recursos necessários para realizar o deslocamento e as diferentes formas de capital social (BOURDIEU, 1986; PORTES, 1998) podem ser entendidos como capital migratório, de acordo com Anju Mary Paul (2015). Essa autora mostra como a *stepwise migration* permite aos migrantes adquirir e acumular capital migratório suficiente para apoiar a continuação do trânsito para outros lugares. Trata-se, aqui, por exemplo, de capital econômico (poupanças), humano (educação, experiência de trabalho), social (expansão

de redes sociais) ou cultural (experiências e características individuais). Seguindo a ideia de migração como horizonte de ação e expectativa (GRAW; SCHIELKE, 2012), pode-se presumir que, a cada passo de uma trajetória migratória, esse horizonte se mova e se estenda – e que, portanto, novas portas possam se abrir, ao mesmo tempo em que outras podem se fechar. Ação e imaginação formam-se em contexto de estruturas sociais, mas, obviamente, em contextos econômicos, políticos e culturais de diferentes escalas. Diante do que foi discutido, a questão é saber como os migrantes navegam por essas estruturas, como identificam e aproveitam as oportunidades.

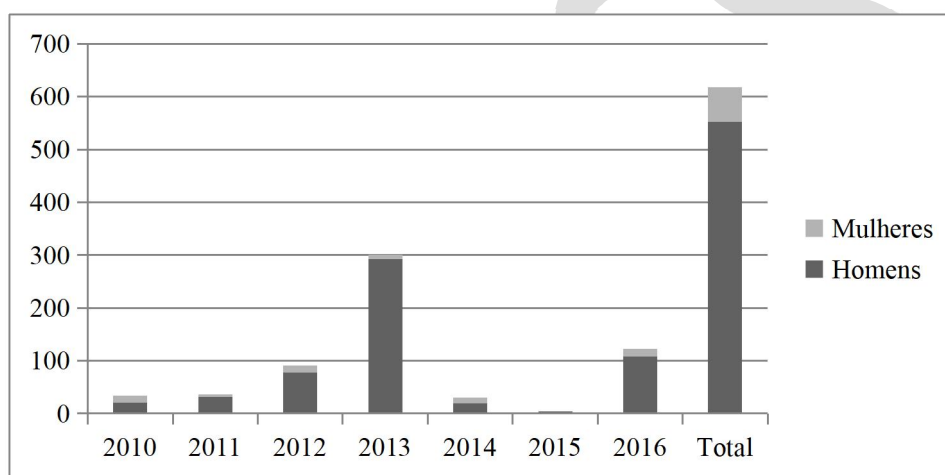
As chamadas redes migratórias desempenham papel central na transmissão de informações sobre oportunidades e obstáculos, e podem promover ou dificultar a mobilidade de outras pessoas (ASSIS, 2011; BAKEWELL et al., 2016; MASSEY et al., 1998). No caso de senegaleses e ganeses, além das redes de parentesco ou amizade, as religiosas desempenham papel importante tanto na constituição de um projeto inicial de migração quanto no apoio durante a trajetória (HEIL, 2018; RICCIO, 2001). As diferentes redes se estendem, hoje, muitas vezes, não apenas entre dois lugares, entre país de origem e de destino, mas podem conectar simultaneamente pessoas em vários lugares. De Boeck (2012, p. 76, tradução nossa) descreve as redes multilocais como “sites de fluxo aberto, de contato, transmissão, rede, circulação e migração, gerados pelas oportunidades do momento, capazes de mudar rapidamente de direção e de se adaptar a novas situações”⁸. O autor destaca o caráter imprevisível e flexível das redes em sua descrição de vidas locais em Kinshasa, na República Democrática do Congo, e suas interações com o mundo global. As trajetórias de vida e as biografias não seguem um plano cuidadosamente elaborado. Pelo contrário, elas se adaptam às condições e oportunidades que aparecem em dado momento. Como se verá adiante nas trajetórias de migrantes senegaleses e ganeses, as redes migratórias são importantes para se compreender a configuração desses fluxos.

3 AS IMIGRAÇÕES SENEGALESA E GANESA NO BRASIL: UMA VISÃO GERAL

⁸ No original: “open-ended sites of flux, of contact, transmission, networking, circulation and migration, generated by the opportunities of the moment, and capable of quickly changing directions and adapting to new situations”.

Dos senegaleses que chegam ao Brasil, muitos vem com solicitação de refúgio. Os dados sobre sua entrada no território brasileiro, seus pedidos de refúgio e a integração no mercado de trabalho formal informam sobre um aumento significativo da imigração entre 2010 e 2015. Segundo o *Global bilateral migration DataBank*, do Banco Mundial (THE WORLD BANK, [201-?]), apenas 21 deles foram registrados oficialmente no Brasil em 2000; e o número subiu para 970 em 2013 (ZAMBERLAM et al., 2014, p. 16). O Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (Sincro) registrou 618 novas inscrições entre 2010 e 2016, com a maioria (301) em 2013 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Registro de senegaleses no Brasil por gênero entre 2010 e 2016



Fonte: adaptado de Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal (Sincro) (BRASIL, 2018).

As estatísticas de solicitação de refúgio por senegaleses, registradas no Conare desde 2010, sugerem aumento de fluxo ainda maior a partir de 2013. Enquanto em 2012 apenas 161 imigrantes solicitaram refúgio, em 2013 foram registradas 961 solicitações. Esse número quase dobrou nos primeiros dez meses de 2014 e chegou a 1.687 pedidos (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2014). No total, 7.206 solicitações de refúgio foram feitas por senegaleses entre 2010 e 2015 (BRASIL, 2016b). Esse número, que em 2016 ficou na casa de 251, indica redução significativa do fluxo de entrada de senegaleses no país (BRASIL, 2017). Apesar dos altos índices de pedidos de refúgio, a probabilidade de uma solicitação bem-sucedida é pequena. Apenas catorze de 5.281 pedidos foram concedidos⁹, pois, segundo o

⁹ Entrevista verbal com Diego Nepomuceno Nardi, *durable solutions assistant* da Acnur Brasil, ocorrida em 9 de maio de 2017 na sede da instituição, em Brasília. Os migrantes senegaleses, como outros, devem comprovar que se encontram sob fundamentado temor em razão de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opinião política.

Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), grande parte dos solicitantes são migrantes econômicos. No entanto, apesar da pouca concessão efetiva de vistos, a maioria deles se utiliza de pedidos de refúgio como estratégia para obter permissão temporária para permanecer e trabalhar no Brasil regularmente, de modo a, posteriormente, tentar obter um visto permanente por meio de outros procedimentos. No caso, situações especiais ou casos omissos na lei foram o amparo legal para a maior parte dos vistos emitidos para senegaleses entre 2010 e 2015 (SILVA; LIMA; FERNANDES, 2018). Para vários senegaleses, o Brasil foi mais uma etapa na trajetória migratória, que passou para Cabo Verde, Espanha ou Argentina, por exemplo (TEDESCO; MELLO, 2015). As rotas dos migrantes senegaleses se alteraram com o tempo em resposta a mudanças de políticas migratórias. Um fator central para o aumento da imigração senegalesa no Brasil na primeira parte desta década era a política de portas abertas no Equador (FREIER, 2014), que permitiu que se entrasse legalmente no país sem visto no espaço da América do Sul.

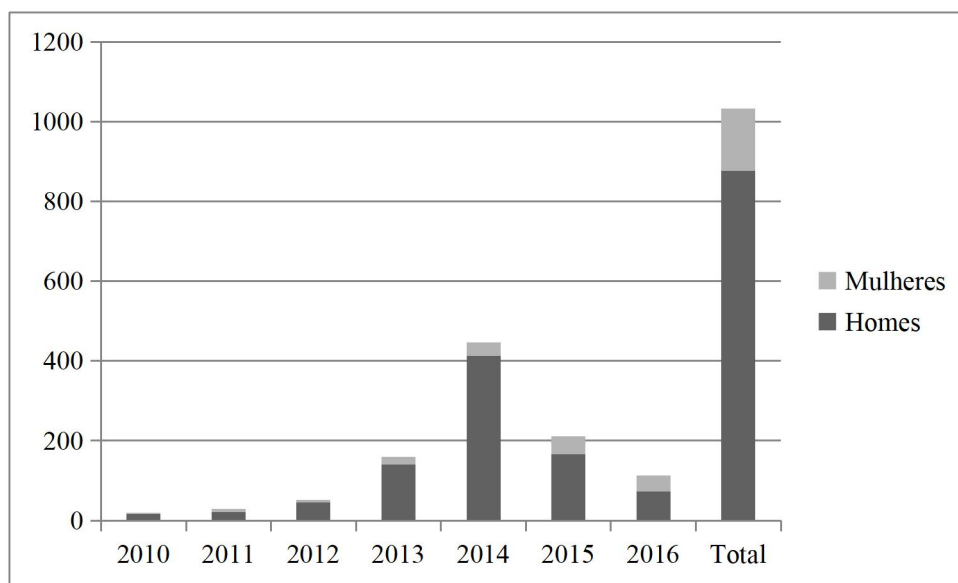
A chegada desse povo se processava num contexto em que o Brasil emergia no cenário internacional como país aberto à acolhida de imigrantes e refugiados, embora tendo ainda um Estatuto do Estrangeiro atravessado pelas marcas da ditadura civil-militar. A nova Lei Brasileira de Refúgio só foi aprovada em 2017 – a Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997 (BRASIL, 1997), que permite a entrada e a permanência regular no país até o julgamento do pedido de refúgio. Quem o solicita recebe um cadastro de pessoas físicas (CPF) e uma carteira de trabalho, o que lhe permite inserir-se no mercado formal e circular na condição de documentado no país. Nesse cenário, não só senegaleses, mas ganeses e outros imigrantes da África e do Oriente Médio chegaram ao país, somando-se às correntes migratórias de haitianos, iniciadas em meados de 2010. Dessa forma, a entrada como solicitante de refúgio tornou-se estratégia de migração.

No caso dos ganeses, de acordo com estatísticas do *Gráfico de distribuição da população africana por país de origem, segundo as grandes regiões*, do Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado em 2000, abrangendo o período de 1996 até aquele ano, o Brasil registrou a entrada de 103 ganeses documentados em seu território, todos eles residentes na região Sudeste. Um número assim reduzido de migrantes, em contraste com os de outras nacionalidades, parece significar que, ao menos até esse ano, o Brasil não constituía

destino nos projetos migratórios de ganeses. Segundo as estatísticas da *Relação anual de informações sociais: 2010-2015*, do Ministério do Trabalho (BRASIL, 2016a), 84% dos ganeses que chegaram ao Brasil estabeleceram-se no Rio Grande do Sul ou em Santa Catarina. Nesses estados, Caxias do Sul e Criciúma, respectivamente, foram as cidades que mais receberam migrantes ganeses. Criciúma chama atenção dos estudos das migrações contemporâneas pela inserção muito recente nas rotas migratórias africanas, ao acolher mais de 3 mil migrantes do continente desde 2010 e, mais maciçamente, em 2014, segundo os dados oficiais da Secretaria de Assistência Social da cidade (CRICIÚMA, 2015). Destes, 2 mil são naturais de Gana. A comparação dos dados aqui apresentados, a partir de 2010, sugere sensível mudança nas rotas transnacionais e o surgimento de novas cidades-palco de acolhimento na contemporaneidade.

A realização da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol (Fifa) no Brasil, em 2014, serviu de justificativa para o arrefecimento do controle de entrada de homens e mulheres provenientes de países africanos, em especial de Gana, pois, com a seleção ganesa, então convocada para aquela edição do campeonato, centenas de turistas, que posteriormente se tornaram migrantes, chegaram ao Brasil. A entrada deles se dava pelo estado de São Paulo, na região Sudeste do país, e de lá partiam para outros destinos, ainda em território brasileiro. Os ganeses entraram, primeiramente, com visto de turista, para, em solo brasileiro, solicitar refúgio no Conare, mesmo sabendo que as condições que os haviam trazido ao país não os enquadravam em nenhuma categoria protegida pela lei internacional do refúgio. Mesmo sem garantias de permanência, muitos deles decidiram se deslocar de ônibus do Sudeste para a região Sul em busca de emprego.

Gráfico 2 – Registro de ganeses no Brasil, por gênero, entre 2010 e 2016



Fonte: Adaptado de Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal (Sincre) (BRASIL, 2018).

Como se pode observar (Gráfico 2), a migração de ganeses para o Brasil começa a ser registrada em 2010 e tem seu ápice em 2014, o que corrobora a hipótese de que a Copa do Mundo contribuiu para a entrada no país e posterior solicitação de refúgio, estratégia também utilizada pelos senegaleses. A mesma tática de entrada por esses motivos já fora utilizada por correntes de migrantes ganeses. Aso¹⁰, migrante ganês atualmente residindo em Criciúma, por exemplo, indicou em entrevista que, antes de vir para o Brasil, passou pela África do Sul em 2010 com um grupo de pessoas que saíram de sua cidade de origem, Accra, em direção ao país do sul do continente com a justificativa de assistir aos jogos do campeonato mundial que se realizaram naquele país. A intenção de Aso e dos companheiros, no entanto, era outra: buscar emprego. Com as expectativas frustradas devido à alta do desemprego no sul da África, Aso retorna para Gana, mas decide tentar migrar novamente após quatro anos, em 2014¹¹. Seu intuito não era ficar no Brasil, mas aproveitar o país como passagem para acompanhar seus parentes próximos na ida para os Estados Unidos. Inúmeros foram os fatores que fizeram Aso permanecer no Brasil e não acompanhar seus parentes na empreitada: um deles foi o fato de que se casou no país e teve um filho, modificando seu planejamento migratório inicial. Assim como aconteceu com Aso, outros migrantes ganeses entraram no Brasil pelos aeroportos de

¹⁰ Os nomes dos entrevistados foram trocados por outros nomes comuns na região de Gana, bem como suas respectivas etnias, a fim de preservar sua identidade.

¹¹ Entrevista de Aso concedida a Michelle Maria Stakonski Cechinel, em Criciúma, em 18 de março de 2018.

São Paulo, Porto Alegre e Natal – este último, único destino de voos diretos de Gana para o Brasil. Outros fizeram conexões em Marrocos e Emirados Árabes; alguns vieram diretamente da África do Sul.

A imigração senegalesa no Brasil é principalmente masculina, na faixa etária entre 19 e 50 anos (HERÉDIA; GONÇALVES, 2017; TEDESCO; MELLO, 2015; UEBEL, 2017, p. 201). De 3.173 senegaleses no estado de Rio Grande do Sul, apenas 1,6% são mulheres (UEBEL, 2017, p. 200). Essa distribuição por gênero não surpreende, pois a emigração senegalesa é sobretudo masculina, embora a porcentagem de emigrantes femininas tenha aumentado recentemente (LESSAULT; FLAHAUX, 2013; SENEGAL, 2013). O mesmo pode ser identificado no caso das migrações ganesas, em especial para a cidade de Criciúma: o deslocamento tem recorte de gênero, pois cerca de 95,7% dos que migram são homens; no entanto, apesar de não participarem do movimento, as mulheres estão longe de ter papel meramente passivo no processo, uma vez que o projeto migratório é coletivo e afeta todos que participam da rede de sociabilidade afetiva de quem migra. Os projetos migratórios, portanto, nunca são simplesmente individuais. Além disso, nas redes de famílias transnacionais, as mulheres muitas vezes são responsáveis por cuidar dos que ficam, sejam filhos ou outros membros da família, e por gerir o dinheiro que os companheiros enviam nas remessas mensais. Atualmente, identificamos o registro de apenas dez mulheres ganesas residindo na região de Criciúma. Esses são os números oficiais, embora não necessariamente deem conta da real situação dos deslocamentos.

Apesar de haver senegaleses em vários estados e em todas as regiões do Brasil, a concentração é nas regiões Sul e Sudeste – principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, do Paraná e de São Paulo. A inserção de migrantes no mercado de trabalho formal mostra maior concentração nos três estados meridionais e em São Paulo (CAVALCANTI; OLIVEIRA; ARAUJO, 2016, p. 94). O Rio Grande do Sul tem maior admissão de migrantes no mercado, com 2.111 senegaleses, 68% do número total de admissões. Pode-se anotar que esses imigrantes se estabelecem em poucos municípios, formando grupos, o que denota a existência de redes, mas também a alta demanda por empregos específicos nessas regiões, como em frigoríficos, sobretudo no setor de abate de aves (CAVALCANTI; OLIVEIRA; ARAUJO, 2016, p. 96-97). Apesar disso, em consideração à importância do trabalho informal, sobretudo do comércio ambulante, as admissões de trabalhadores senegaleses apenas indicam alguns padrões de residência.

4 A NAVEGAÇÃO NAS TRAJETÓRIAS DE MIGRANTES SENEGALESES E GANESES NO BRASIL

Nesta seção, apresentaremos dados sobre processos de decisão, planejamento, navegação e improvisação nas trajetórias de senegaleses e ganeses no Brasil. No caso dos primeiros, os dados resultaram de duas fases de pesquisa exploratória, em Caxias do Sul e Passo Fundo, ambas situadas no estado do Rio Grande do Sul (de novembro a dezembro de 2017; e em maio de 2018), no âmbito de um projeto de tese de doutorado¹². Durante conversas informais, três casos foram identificados para realizar entrevistas biográficas com o objetivo de analisar as trajetórias em relação a processos de planejamento e improvisação. A escolha deles é intencional, com base no interesse pela respectiva trajetória. A confiança dos imigrantes, porém, era igualmente importante. Além de entrevistas gravadas, diferentes métodos etnográficos, como conversas informais e observações, foram utilizados para coletar dados empíricos. Do mesmo modo, as entrevistas realizadas com Aso e Akosua, migrantes ganeses moradores de Criciúma, no extremo sul catarinense, foram coletadas durante os meses de março de 2017 e abril de 2018 nessa mesma cidade. Para tanto, utilizou-se a metodologia da história oral, com uso da técnica de entrevistas semiestruturadas e relatos orais colhidos em campo¹³. O relato dessas trajetórias evidencia as estratégias e os trânsitos contemporâneos de senegaleses e ganeses entre lugares pelo sul do Brasil e outros países.

4.1 A idas e vindas de Mamadou¹⁴

O primeiro relato é o caso de um homem solteiro, de 28 anos, da região de Thiès, que chegou ao Brasil em 2010 e hoje reside em Caxias do Sul. As aspirações e decisões de migrar de Mamadou devem ser analisadas tanto no campo familiar como no contexto sociocultural do Senegal. A presença de irmãos mais velhos no exterior significa que o tema da emigração

¹² A tese, com o título provisório *Desenvolvimento de novos corredores migratórios no sul global – Senegal-Brasil*, está sendo elaborada por Jung no âmbito de Doutorado em Migrações do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Igot) da Universidade de Lisboa.

¹³ As entrevistas realizadas com o grupo de ganeses fazem parte da pesquisa da tese em desenvolvimento intitulada *Trajetórias afrodiaspóricas: histórias e memórias de ganeses em Criciúma*, da doutoranda Michelle Maria Stakonski Cechinel, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do estado de Santa Catarina (Udesc), e por ela foram conduzidas.

¹⁴ Os nomes são fictícios para garantir o anonimato das pessoas.

já fazia parte do cotidiano da família, por intermédio de conversas, notícias e remessas, antes de Mamadou partir de Senegal, em 2010. A cultura de migração, rito quase obrigatório de passagem para a idade adulta dos homens jovens, é parte central do cotidiano da população senegalesa (MONDAIN; DIAGNE, 2013) e também se reflete nas aspirações de Mamadou, como mostra este trecho da entrevista. *“Mas lá, como você sabe, é um país de emigrar. A pessoa crescendo pensa que tem que emigrar. Quando tinha, tipo, 18, 19 anos, já não queria mais nada lá. Só pensei em sair”*.

Embora suas aspirações migratórias resultassem de diferentes mecanismos de *feedback* e da cultura de migração, Mamadou também se sentiu pressionado por seu pai, que queria que o filho participasse mais da vida econômica para o bem-estar da família. Seu destino preferido era os Estados Unidos, mas ele não conseguiu o visto, e a Europa estava no pico da crise econômica; assim, ele procurou alternativas. Conseguiu um visto para o Brasil com o objetivo de ir para a Argentina, onde outro irmão já residia. Mamadou pegou um voo de Dakar para Fortaleza, com escala na cidade de Praia, em 2010. Conforme declarou, ele e um amigo chegaram ao Brasil sabendo quase nada sobre o país. O desconhecimento e a falta de informação dificultaram a viagem de Fortaleza para o Rio de Janeiro, onde um amigo senegalês os esperava. Depois de alguns dias no Rio e em São Paulo, migrou para Buenos Aires, onde ele esperava obter mais lucro como vendedor ambulante do que no Brasil. A venda nas ruas e bares da cidade criaram conflitos entre Mamadou, argentinos e a polícia. Nesse contexto, quando ele recebeu informações de que o “Brasil deu documentos”¹⁵ a imigrantes, ele decidiu ir a Passo Fundo para solicitar os seus. Embora pudesse ter pedido seus documentos em outras cidades brasileiras, preferiu Passo Fundo porque sabia do caso de um senegalês que morava lá havia dez anos e que o apoiaria com os documentos e na procura de trabalho. Eles não se conheciam antes; a base para a ajuda era a nacionalidade em comum. Nesse caso, as redes sociais se revelam importantes para compreender a escolha do local de destino no Brasil, bem como as dificuldades iniciais enfrentadas:

Em Passo Fundo, existiu um cara lá que ajudava como os senegaleses se ajudam cada um. Aquela pessoa era incrível, [pelo] tanto que ele fazia para o outro. A gente, tudo mundo... nós que passamos lá... muito gente [sic] aprendeu com ele ali. [...] Ele ajudava. Aquele tempo, a gente nem sabia fazer carteira. [...] Ele nunca reclamou, falou nada. E ajudou tudo mundo que passou ali para conseguir um serviço. [...] Nossa, ele ajudava. Por isso

¹⁵ Expressão que Mamadou utilizou durante a entrevista.

que tudo mundo ia pra Passo Fundo. Aqui no Brasil, o primeiro lugar que recebeu imigrantes senegaleses é Passo Fundo por causa dele.

Depois de um curto retorno para a Argentina, Mamadou residiu por seis meses em Passo Fundo, onde conseguiu trabalho em diferentes empresas de Nova Araçá e Marau. Depois de seis meses, o amigo (referido anteriormente) conseguiu para ele e mais cinco outros patrícios um emprego num frigorífico em Caxias do Sul. Eles eram os primeiros senegaleses a residir na cidade, que fica na Serra Gaúcha. O caso de Mamadou é um bom exemplo para se mostrar como uma variedade de fatores influencia o itinerário e a temporalidade da migração. Sua trajetória se adaptou às oportunidades do momento e revela a importância da configuração de redes sociais. Da mesma forma como De Boeck (2012) descreve redes como *open-ended sites*, o próprio processo migratório é aberto para alterações e se adapta às circunstâncias.

4.2 A trajetória de Sekou

O segundo exemplo é a trajetória de Sekou, um senegalês de 43 anos da região de Kaolack, casado e com três filhos. Depois de oito anos em Dakar, onde trabalhou como eletricitista, decidiu, aos 30 anos, emigrar para Cabo Verde. Pouco depois, sua primeira filha nasceu.

Trabalhava no Senegal, até certo momento [em] que eu decidi de sair fora do Senegal para ver o que se passa fora para melhor a vida [sic]. [...] Cabo Verde não precisa de visto. Com minha identidade, eu posso viajar para Cabo Verde e Cabo Verde também é quase como Senegal. Tem uma grande comunidade de senegaleses lá. É mais perto, não precisa de muito dinheiro. [...] Nunca tentei de viajar para Europa. Isso nunca entrou na minha cabeça. No Senegal eu não tenho problema de viver. Entendeu? Eu trabalhava, tinha meu salário, mesmo que não era grande, eu vivi tranquilo. Só que eu saí para aumentar meu conhecimento.

Sekou deixa claro que não emigrou por razões de necessidade, mas por vontade de obter experiências fora de seu país. Em concordância com as reflexões de Carling e Collins (2018), suas explicações para a saída do Senegal são os desejos de melhorar a situação da

família e aumentar seu conhecimento, o que mostra que as aspirações de migração e transformações perseguidas por meio da migração estão interligadas. Esta não é apenas um meio de aumentar o conhecimento. A própria experiência migratória, o desejo de “*ver o que se passa fora do Senegal*”, foi para Sekou o conhecimento desejado, no âmbito do lema “*o caminho é o objetivo*”. Com aspirações migratórias avançadas, ponderou suas possibilidades. Uma migração irregular, com risco alto, estava fora de questão. Ou, nas palavras dele: “*Nunca estava na minha cabeça*”. Assim como a de outros imigrantes senegaleses em Cabo Verde (JUNG, 2015), sua escolha de destino está relacionada, entre outras questões, à facilidade (“*não precisa de visto*”)¹⁶, à proximidade (“*não precisa de muito dinheiro*”) e à existência de uma comunidade senegalesa. A importância de políticas imigratórias para a tomada de decisão é óbvia. Motivos econômicos, nesse contexto, não foram decisivos ou apenas tiveram papel subordinado. Sem contatos pessoais e com poucas informações sobre Cabo Verde, Sekou viajou para Praia em 2004. Ele ficou nove anos no país, o tempo todo na ilha de Santiago, onde trabalhava, primeiro, numa loja de produtos domésticos e, depois, para uma empresa que vendia produtos cosméticos. Depois de seis anos, Sekou aproveitou sua formação como eletricitista e abriu com sucesso seu próprio cibercafé. Entretanto, sua esposa e a primeira filha se uniram a ele, e outra filha nasceu em Cabo Verde. Não obstante, depois de mais três anos e uma visita ao Brasil, desenvolveu a ideia de se mudar para o país sul-americano:

Ser humano é assim: sempre você quer alguma coisa; quando você chega lá, você quer outra. Isto é uma evolução normal. Não fugi de Cabo Verde, não tive problemas específicos. Eu estava trabalhando. Só que como você, como eu, cada momento a gente quer melhorar. [...] Visitei uma vez Brasil como férias de 15 dias [...]; eu vi que [o] Brasil é muito grande, tem bastante coisa para fazer. Cabo Verde é muito pequeno. Para quem quer fazer muitas coisas, o espaço é muito pouco. Assim, eu me disse: “vou para o Brasil, acho que consigo fazer algumas coisas lá”.

Com sua própria microempresa, conseguiu pedir um visto de negócios para três meses na embaixada brasileira em Praia. Durante sua primeira viagem ao Brasil, no início de 2013, Sekou ficou em Fortaleza, na casa de um amigo guineense que conhecera em Cabo Verde. A dimensão do Brasil o impressionou, e ele viu oportunidades para “*conseguir mais na vida*”.

¹⁶ Cabo Verde, como membro da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Cedeao), não restringe a entrada de cidadãos de outros Estados membros com regulamentos de vistos.

Assim, nas palavras dele, “a ideia do Brasil não saiu mais da cabeça”. Depois de alguns meses em Cabo Verde, voltou de novo com um visto de negócios para o Brasil em agosto de 2013. Dessa vez, depois de chegar a Fortaleza, continuou a viagem até o Rio Grande do Sul, onde já havia uma comunidade de senegaleses estabelecida e onde um sobrinho morava desde 2010 – sem, no entanto, tomar a decisão definitiva de realmente ficar no Brasil.

Passo Fundo eu não escolhi. Só que às vezes tem uma coisa chamada destino, destin em francês. Na realidade, quando saí de Caxias do Sul, não sabia se vou [sic] fazer alguma coisa em Passo Fundo. Porque ainda, nestes três meses ainda não teve decisão de parar, né. Porque eu deixava tudo pronto em Cabo Verde. Não vendi a loja, não vendi nada. Eu deixei um amigo cuidar, porque não sabia se vou [sic] ter possibilidade de ficar aqui. Entendeu? Nesses três meses eu passei, dar olhada, vi a documentação... porque eu me sempre disse: “se eu não tenho documento legal para ficar aqui, eu vou voltar”.

Depois de alguns dias em Caxias do Sul e Passo Fundo, Sekou foi para Erechim, onde morava seu sobrinho. No entanto, Erechim parecia pequena demais, com poucas possibilidades. Assim, depois alguns dias, ele voltou para Passo Fundo. Quando os três meses do visto terminaram, ainda em dúvida sobre ficar ou não, renovou seu visto na Polícia Federal. Durante os três meses seguintes, descobriu que, por meio da solicitação de refúgio, poderia ganhar os documentos provisórios para ficar e trabalhar no Brasil. Durante todo esse tempo, ele manteve sua loja em Cabo Verde, como uma rede de segurança. Quando recebeu seu protocolo de refúgio, em dezembro de 2013, abriu um cybercafé em Passo Fundo. Em ambos os casos, no de Mamadou e no de Sekou, as trajetórias resultam tanto de processos de planejamento como de improvisação. Eles tiveram que se adaptar a situações diferentes durante sua trajetória.

4.3 O caso de Akosua

O grande fluxo de ganeses para Criciúma é, portanto, de muçulmanos, assíduos frequentadores da mesquita Palestina, como a família de Akosua. Sua trajetória parece apontar para algumas questões pertinentes à análise das migrações contemporâneas. Ao contrário do que as estatísticas indicam, um desses casos é de uma mulher que, apesar de muçulmana, mulher e mãe, obteve autorização de sua família para migrar sozinha e antes de

seu marido. Para tanto, precisou encontrar um trabalho e deixar seus filhos sob responsabilidade dos avós. No dia da comemoração da Independência de Gana, 16 de março de 2017, conversamos com Akosua:

[Eu estou no Brasil há] um ano e cinco meses. Eu gosto do Brasil, [o] Brasil [é] muito bom. Eu falo com [a] família e daqui a pouco eu pego toda [a] família pra vir pra cá. Eu sou muçulmana [...]. A mesquita ajuda muito, porque tem muito, muito caso de racismo, mas tudo bem. Muito difícil de aprender a língua, tudo muito rápido. Chefe fala muito rápido. Tudo é rápido, rápido. Trabalho em Morro Grande, Forquilha. Trabalho até as duas da manhã, muito tarde, muito tarde. Eu sentir [sic] muita saudade de casa. Eu tenho dois filhos. Eu chora [sic] todas as noites. Eu chora [sic] todas as noites. Os filhos não querer [sic] vir. Mas eu gosto muito [do] Brasil.

Akosua pretende, um dia, em seu plano migratório, trazer os filhos para o Brasil. Seu marido trabalha em uma cidade próxima da região, Nova Veneza; assim como ela, parte do turno de trabalho dele se dá de madrugada. Ambos se queixaram do cansaço e da distância entre a casa e o trabalho. O depoimento de Akosua mescla uma vontade de afirmar o quanto gosta de estar no Brasil, a ponto de querer trazer sua família, com o relato breve das dificuldades cotidianas, que envolvem racismo, problemas na aprendizagem e na compreensão da língua portuguesa e questões relacionadas à hora de serviço. Akosua admite ainda chorar muito, com saudade de casa e dos filhos, até por eles não quererem vir para o Brasil; no entanto, reafirma que gosta muito de estar aqui. Uma das questões que mais pesam para a continuidade na cidade de Criciúma e para ali fixar residência é o apoio da mesquita, não apenas como espaço de sociabilidade, mas de ajuda e resistência.

A família de Akosua não pensava, inicialmente, em vir para Criciúma. Quando, por motivos religiosos das redes constituídas por outros migrantes muçulmanos, ela parte de São Paulo para essa cidade, no interior de Santa Catarina, não imaginava qual seria o porte da cidade, nem que tipo de estrutura seria oferecida para ela e seu esposo. Ao chegar no local, no entanto, apesar do acolhimento da mesquita e dos muçulmanos da região, tanto ela quanto o marido tiveram que se adaptar à região. Por falta de oportunidades, o marido passou a trabalhar em Nova Veneza. A família de Akosua se enquadra em um perfil migrante que se destaca no panorama da diversidade de etnias, religiosidades e troncos linguísticos ganeses citados anteriormente: eles têm fala hauçá e são muçulmanos, assim como a maioria dos que

vieram para a cidade de Criciúma, sendo minoria em suas regiões de origem. A pesquisa de campo e a bibliografia estudada indicam uma possível resposta para a formação de um perfil tão particular de migrantes: as rotas que inseriram Criciúma em um fluxo intercontinental são compostas por habitantes de assentamentos étnico-religiosos que se encontram em toda a extensão territorial de Gana, os zongos¹⁷.

Nesse ponto, algumas suposições podem ser levantadas no limiar da pesquisa de campo: a forma como os migrantes ganeses, cristãos e muçulmanos, advindos de zongos, se inserem na cidade de Criciúma se dá a partir de uma espécie de divisão, um esquadramento do espaço citadino, revisto a partir de uma lógica própria, inexistente para os cidadãos criciumenses estabelecidos na cidade, mas que obedece a questões com origem nas tensões dos grupos migrantes em suas trajetórias anteriores. Ou seja, é possível observar uma nítida construção de espaços tensionados na cidade. Atualmente, ela está subdividida em áreas de circulação e sociabilidade próprias. São territorialidades forjadas por tensões, como as que redefinem disputas e discussões de ordem religiosa. O espaço citadino encontra-se simbolicamente dividido entre ganeses cristãos e muçulmanos. No caso do grupo de ganeses cristãos, eles se localizam e criam espaços de sociabilidade na região do bairro Próspera. No caso dos ganeses muçulmanos, na região do Pinheirinho. Essa divisão impacta na forma como os migrantes circulam pela cidade e nas tensões cotidianas nos espaços de sociabilidade. Para muitos, essas tensões impedem que Criciúma se torne um espaço de destino, embora continue sendo lugar de passagem. Para outros, ao contrário, essas territorialidades, que constituem novas formas de sociabilidade, ajudam a reformular seus projetos migratórios e a transformar a cidade em espaço de destino final para suas trajetórias.

Assim como os migrantes senegaleses e suas histórias de planejamento e improvisação, a reconstrução de assentamentos étnico-religiosos na cidade forja novos sentidos de identidades híbridas, um ponto que mantém forte o vínculo dos migrantes com sua comunidade de origem. É um fenômeno que remexe o conceito de construção de laço transnacional, pois une o global e o local, redefine identidades em trânsito. De acordo com Nina Glick Schiller, Linda Basch e Christina Szanton-Blanc (1992), o transnacionalismo pode

¹⁷ Segundo Emily Anne Williamson (2013, p. 3), a palavra *zongo* advém de uma gíria usada na língua hauçá e significa “campo de viajantes” ou “parada”. São praticamente espaços transterritoriais, pois atuam como “cidades dentro de cidades”, e há pelo menos um zongo em cada grande centro urbano de Gana.

ser considerado um processo pelo qual os sujeitos que se deslocam constroem campos sociais que cruzam duas ou mais sociedades e criam redes de relacionamento e proteção que mantêm laços com as comunidades de origem. Dessa forma, esses espaços tensionados e os conflitos de identidade etnorraciais são percebidos e ressignificados pelos sujeitos migrantes na cidade de Criciúma. A saída, para eles – destituídos, a partir do olhar da sociedade receptora, de suas singularidades étnicas, agora vistos de forma racializada –, é a constituição de redes de sobrevivência e laços transnacionais, como a reconstrução de espaços de sociabilidade próprios para os que se consideram iguais. E se, aos “olhos do outro” na sociedade acolhedora, eles são iguais, outros traços diacríticos se constituem e reconstituem entre eles na diáspora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mobilidades contemporâneas de senegaleses e ganeses, como as de outros imigrantes, evidenciam que as crescentes dificuldades na migração para a Europa e a América do Norte são corresponsáveis pela diversificação dos fluxos migratórios, entre outros, para destinos do sul global. Nesse cenário, o Brasil emergiu como um novo rumo para grupos em deslocamento sul-sul, o que evidencia a busca por alternativas, mudanças nas estratégias e diversificação das rotas migratórias. O refúgio revelou-se, para esses grupos, como uma dessas estratégias, pois permite a entrada e a permanência documentada no país. Muitos migrantes viram o Brasil como um ponto de trânsito; entretanto, o caso de Sekou mostra que o país também foi escolhido como destino. De local de passagem e de etapa para o trânsito a outros lugares, as permanências têm se estendido, com a constituição de redes migratórias nas cidades de destino desses migrantes – municípios de porte médio no sul do país –, dando sustentação a esse fluxo.

Embora muitos migrantes tenham partido dessas cidades no contexto da crise que se instaurou no país, inaugurou-se um processo de trânsito e circulação deles entre o Brasil e outros países, o que revela a alta mobilidade desses grupos, em particular dos senegaleses. No entanto, como se pode observar nas experiências dos migrantes, uma diferenciação clara entre “país de destino” e “de trânsito” é problemática. Essas categorias falham em capturar a fluência das migrações de senegaleses e ganeses. Os casos apresentados mostram que deveremos compreender migração mais como um processo de muitas idas e vindas, que é aberto a modificações nas diferentes etapas e momentos da trajetória, e não como um ato

completo, que segue e executa passo a passo um plano elaborado no local de origem. Como demonstram as narrativas apresentadas, as trajetórias dos migrantes estão abertas para alterações nas dimensões espaciais e temporais. As aspirações e capacidades se alteram na trajetória. Embora todos os casos apresentados mostrem certo grau de planejamento, os migrantes improvisam e se adaptam às circunstâncias e estruturas de oportunidades que eles encontram na trajetória. As políticas migratórias restringem, mas também possibilitam as ações dos migrantes, como podemos ver no caso dos chamados migrantes da Copa do Mundo, devido à maior facilidade na concessão de vistos de turista nesse período, ou na lei brasileira de refúgio. No entanto, os contextos econômicos e de acolhimento podem influenciar na permanência ou mobilidade para outros destinos, bem como as redes que se constroem na sociedade de acolhimento, seja com conterrâneos, parentes ou redes religiosas.

Senegaleses, ganeses e outros imigrantes recentes no Brasil, podendo-se incluir também as experiências dos haitianos, têm demonstrado essa capacidade de deslocamento, tanto interno quanto para países vizinhos. Dessa forma, os migrantes se espalham por vários países e, ao mesmo tempo, mantêm-se conectados a suas terras de origem por laços transnacionais. As novas rotas migratórias revelam as estratégias de permanecer em mobilidade para pegar/agarrar as oportunidades, sejam econômicas ou em relação a políticas migratórias, que aparecem em lugares diferentes.

6 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DA ONU PARA REFUGIADOS – ACNUR. **Refúgio no Brasil**: uma análise estatística – janeiro de 2010 a outubro de 2014. Brasília: United Nations High Commissioner for Refugees, 2014.

ASSIS, G. O. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo – as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Caderno Pagu**, Campinas, n. 31, p. 219-250, 2008.

_____. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros. Florianópolis: Mulheres, 2011.

BAKEWELL, O. et al. **South-South migration and human development**: reflections on African experiences. Oxford: International Migration Institute, University of Oxford, 2009. v. 15. (Working Papers Series).

_____. (Org.). **Beyond networks**: feedback in international migration. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2016.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON J. G. (Org.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1986. p. 241-558.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Sistema de refúgio brasileiro**: desafios e perspectivas. Brasília, DF: Comitê Nacional para os Refugiados, 2016.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Justiça. 2018.

_____. Ministério da Justiça. Departamento da Polícia Federal – **Registro de Estrangeiros**. Brasília, DF: Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCIRE), 2018.

_____. Ministério do Trabalho. **Relação anual de Informações Sociais: 2010-2015**, Brasília, DF: 2016.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Refúgio em números**. Brasília, DF: Comitê Nacional para os Refugiados, 2017.

BREDELOUP, S. **Migrations d'aventure**: terrains Africains. Paris: Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 2014.

CARLING, J. Migration in the age of involuntary immobility: theoretical reflections and Cape Verdean experiences. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, v. 28, n. 1, p. 05-42, 2002.

_____.; COLLINS, F. L. Aspiration, desire and drivers of migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, v. 44, n. 6. p. 909-926, 2018.

_____.; SCHEWEL, K. Revisiting aspiration and ability in international migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, v. 44, n. 6, p. 945-963, 2018.

_____. et al. Migration aspirations in Senegal: who wants to leave and why does it matter? **European Policy Brief**, Brussels, Jan. 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/2BhOzfl>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, A. T.; ARAUJO, D. **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**: relatório anual 2016. Brasília, DF: Observatório das Migrações Internacionais, 2016.

CZAIKA, M.; DE HAAS, H. The role of internal and international relative deprivation in global migration. **Oxford Development Studies**, Abingdon, v. 40, n. 4, p. 423-442, 2012.

DE BOECK, F. City on the move: how urban dwellers in Central Africa manage the siren's call of migration. In: GRAW, K.; SCHIELKE, S. (Org.). **The global horizon: expectations of migration in Africa and the Middle East**. Leuven: Leuven University Press, 2012. p. 59-85.

DE HAAS, H. The myth of invasion: the inconvenient realities of African migration to Europe. **Third World Quarterly**, Abingdon, v. 29, n. 7, p. 1305-1322, 2008.

DÜNNWALD, S. On migration and security: Europe managing migration from Sub-Saharan Africa. **Cadernos de Estudos Africanos**, Marseille, n. 22, p. 103-128, 2011.

FALL, P. D. **Des francenabe aux modou-modou: l'émigration sénégalaise contemporaine**. Dakar: L'Harmattan-Senegal, 2016.

FLAHAUX, M. L.; DE HAAS, H. African migration: trends, patterns, drivers. **Comparative Migration Studies**, New York, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2016.

FREIER, L. F. **The importance of access policies in south-south migration: Ecuador's policy of open doors as a quasi experiment**. Oxford: International Migration Institute, 2014. v. 13. (Working Papers Series).

GRAW, K. On the cause of migration: being and nothingness in the African-European border zone. In: GRAW K.; SCHIELKE S. (Org.). **The global horizon: expectations of migration in Africa and the Middle East**. Leuven: Leuven University Press, 2012. p. 23-42.

GRAW, K.; SCHIELKE, S. Introduction: reflections on migratory expectations in Africa and beyond. In: GRAW, K.; SCHIELKE, S. (Org.). **The global horizon: expectations of migration in Africa and the Middle East**. Leuven: Leuven University Press, 2012. p. 7-22.

HEIL, T. Uma infraestrutura muçulmana de chegada no Rio de Janeiro. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 26, n. 52, p. 111-129, 2018.

HERÉDIA, V. B. M.; GONÇALVES, M. C. S. Deslocamentos populacionais no Sul do Brasil: o caso dos senegaleses. In: TEDESCO, J. C.; KLEIDERMACHER, G. (Orgs.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST, 2017. p. 209-228.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Gráfico de Distribuição da População Africana por país de origem**. 2000.

JUNG, P. **The dynamics of migration and their impact on the country of origin: a case study of Senegalese labour migrants on the Cape Verdean island Boa Vista and their relatives at home**. 2013. 102 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

_____. Migration, remittances and development: a case study of Senegalese labour migrants on the island Boa Vista, Cape Verde. **Cadernos de Estudos Africanos**, Lisboa, n. 29, p. 77-101, 2015.

JONSSON, G. Migration, identity and immobility in a Malian Soninke village. In: GRAW, K.; SCHIELKE, S. (Org.). **The global horizon**: expectations of migration in Africa and the Middle East. Leuven: Leuven University Press, 2012. p. 105-120.

LESSAULT, D.; FLAHAUX, M.-L. Regards statistiques sur l'histoire de l'émigration internationale au Sénégal. **Revue Européenne des Migrations Internationales**, Marseille, v. 29, n. 4, p. 59-88, 2013.

MARCELINO, P. F.; FARAHI, H. Transitional African Spaces in Comparative Analysis: inclusion, exclusion and informality in Morocco and Cape Verde. **Third World Quarterly**, Abingdon, v. 32, n. 5, p. 883-904, 2011.

MASSEY, D. S. et al **Worlds in motion**: understanding international migration at the end of the millennium. Oxford: Clarendon Press, 1998.

MBAYE, L. M. **"Barcelona or die"**: understanding illegal migration from Senegal. Bonn: Institute for the Study of Labor, 2013. v. 7728. (IZA Discussion Paper Series).

MBODJI, M. Imaginaires et migrations: le cas du Sénégal. In: DIOP, M.-C. (Org.). **Le Sénégal des migrations**: mobilités, identités et sociétés. Paris: Karthala, 2008.

MCGARRIGLE, J.; ASCENSÃO, E. Emplaced mobilities: Lisbon as a translocality in the migration journeys of Punjabi Sikhs to Europe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, v. 44, n. 5, p. 809-828, 2017.

MENGISTE, T. A. Refugee protections from below: smuggling in the Eritrea-Ethiopia context. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Thousand Oaks, v. 676, n. 1, p. 57-76, 2018.

MONDAIN, N.; DIAGNE, A. Discerning the reality of "those left behind" in contemporary migration processes In Sub-Saharan Africa: some theoretical reflections in the light of data from Senegal. **Journal of Intercultural Studies**, Abingdon, v. 34, n. 5, p. 503-516, 2013.

PAUL, A. M. Capital and mobility in the stepwise international migrations of Filipino migrant domestic workers. **Migration Studies**, Oxford, v. 3, n. 3, p. 438-459, 2015.

PORTES, A. Social capital: its origins and applications in modern sociology. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 24, n. 1, p. 1-24, 1998.

PROTHMANN, S. Migration, masculinity and social class: Insights from Pikine, Senegal. **International Migration**, Hoboken, v. 54, n. 4, p. 96-108, 2018.

RICCIO, B. **Disaggregating the transnational community Senegalese migrants on the coast of Emilia-Romagna**: transnational communities programme. Oxford: Economic and Social Research Council, 2001. v. 11. (Working Paper Series).

SALAZAR, N. B. The power of imagination in transnational mobilities. **Identities**, Abingdon, v. 18, n. 6, p. 576-598, 2011.

SANTOS, A. L.; ROSSINI, R. E. Reflexões geográficas sobre migrações, desenvolvimento e gênero no Brasil. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). **Migrações sul-sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó, 2018. p. 277-295.

Schewel, K., **Understanding the Aspiration to Stay - A Case Study of Young Adults in Senegal**, Oxford: International Migration Institute, 2015. v. 107. (Working Papers Series).

SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; SZANTON-BLANC, C. Transnationalism: a new analytic framework for understanding migration. **Annals of the New York Academy of Sciences**, New York, v. 645, n. 1, p. 1-24, 1992.

SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CRICIÚMA. **Relatório situacional dos Imigrantes da Cidade de Criciúma**. Criciúma, 2015.

SENEGAL (País). **Situation économique et sociale du Sénégal en 2011**. Dakar: Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie, 2013.

SILVA, F. R.; LIMA, C. F.; FERNANDES, D. M. O caso de imigrantes haitianos, congoleses, senegaleses e ganeses e a relação com o mundo do trabalho no Brasil. In: BAENINGER, R. et al. (Org.). **Migrações sul-sul**. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó, 2018. p. 446-462.

STARK, O.; TAYLOR, J. E. Relative deprivation and international migration. **Demography**, New York, v. 26, n. 1, p. 01-14, 1989.

TEDESCO, J. C.; MELLO, P. A. T. **Senegaleses no centro-norte do Rio Grande do Sul: imigração laboral e dinâmica social**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2015.

THE WORLD BANK. **Global bilateral migration**. Washington, DC, [201-?]. Disponível em: <<https://bit.ly/2Qvzd1G>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

UEBEL, R. R. G. Senegaleses no Rio Grande do Sul: panorama e perfil do novo fluxo migratório “África-Sul do Brasil”. In: TEDESCO, J. C.; KLEIDERMACHER G. (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST, 2017. p. 185-207.

WABGOU, M. América latina: nuevo destino de los inmigrantes africanos o nueva etapa en su periplo hacia EEUU? In: MALOMALO, B.; FONSECA, D. J.; BADI, M.K. (Org.).

Diáspora africana e migração na era da Globalização: experiências de refúgio, estudo, trabalho. Curitiba: CRV, 2015. p. 67-88.

WILLIAMSON, E. A. **Understanding the zongo processes of socio-spatial marginalization in Ghana**. 2013. 215 f. Thesis (Master of Science in Architecture Studies) – Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2013.

WISSINK, M.; DÜVELL, F.; VAN EERDEWIJK, A. Dynamic migration intentions and the impact of socio-institutional environments: a transit migration hub in Turkey. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, Abingdon, v. 39, n. 7, p. 1087-1105, 2013.

ZAMBERLAM, J. et al. **Os novos rostos da imigração no Brasil: haitianos no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Cibai Migrações, 2014.

IN PRESS